

Um museu importante que foi casa de coronel de cacau hoje esquecido

Cyro de Mattos*

A Fundação Henrique Alves dos Reis foi forçada a ficar desativada em 1990, em razão da falta de recursos e, com isso, o município de Itabuna sofreu uma grande perda dentro do contexto cultural de seus espaços mais importantes. A Fundação era mantida com os rendimentos de 2.500 arrobas de cacau que a fazenda Sempre Viva produzia anualmente. O baixo preço do produto àquela época e a carestia imposta por uma inflação galopante fizeram com que se tornasse inviável a sua manutenção. Em época mais recente, ainda como fator negativo para reativar a fundação Henrique Alves dos Reis, interferiu o advento da praga da vassoura-de-bruxa, contribuindo para a quase devastação da lavoura cacaeira.

Idealizada por dona Elvira dos Reis Moreira para perpetuar a memória do pai, coronel Henrique Alves dos Reis, desbravador e chefe político de grande influência no município, a Fundação foi instalada em 11 de setembro de 1978, mas em 10 de maio de 1974 já existia o Museu Casa Verde, que passou depois a integrar o patrimônio da instituição. Funcionava no local onde, no princípio do século XX, existia um armazém para a comercialização e depósito do cacau. Com a destruição do armazém, foi erguida em seu lugar a Casa Verde, datada de 1887, onde moraram o coronel Henrique Alves dos Reis e sua mulher, dona Cordolina Loup dos Reis, a filha Elvira e o genro, Miguel Moreira, que foi prefeito de Itabuna.

O Museu Casa Verde preserva o passado da conquista e do domínio dos coronéis do cacau, um tempo áureo da civilização grapiúna visível nas peças e indumentárias dos séculos XIX e XX, pertencentes à família do

coronel Henrique Alves dos Reis. O mobiliário ali exposto é em madeira trabalhado na Áustria e em Portugal, conservando o museu um acervo constituído de mais de 2.500 peças de cristais de Baracat, prata, coleções belíssimas de *biscuits* franceses, aparelhos de café e jantar de Limoges e da Inglaterra, conjunto de talheres de Cristophe, móveis em estilo Luís XV, bandejas, jarros, e bacias em louça chinesa, floreiras em electroprata, além de objetos pessoais; fardamentos, espadas, moedas em prata dos primeiros anos do século XX, vestidos, chapéus e leques.

Documentos valiosos sobre a memória política da cidade estão ali guardados, assim como vários números do jornal O Intransigente, um dos primeiros veículos da imprensa local, cuja primeira página do primeiro número foi impressa em seda pura.

A Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC – e o seu Centro de Documentação e Memória Regional – CEDOC – assumiram no final do século XX a administração do Museu Casa Verde, da Fundação Henrique Alves dos Reis, em Itabuna, contribuindo assim para formar, por extensão, o diálogo entre a memória, que é o lugar de onde emerge a história, e as pessoas que forem visitar um espaço formador do desenvolvimento sócio-cultural da comunidade baiana e, em particular, da grapiúna.

Reativar, manter e disponibilizar ao público o Museu Casa Verde, criado em 1974, significou não só preservar a memória da civilização cacaueira com o seu modo singular de vida, mas também possibilitou a construção de novos conceitos de manutenção histórico-patrimonial, em sintonia valiosa com o conhecimento autêntico do passado regional. No Museu Casa Verde percebe-se e compreende-se que ali está manifesta uma linguagem que vem do começo da civilização do cacau, formada pelos falares e fazeres no dia-a-dia, doméstico, urbano e religioso, dentro e fora da residência dos pioneiros que conquistaram a terra coberta de mata virgem.

Naquela oportunidade, a reativação do Museu Casa Verde foi, ainda, um modo eficaz de desconstituir a postura ilimitada de que modernidade e progresso, nos tempos velozes da internet, andam de mãos dadas como meios incontornáveis para a exclusão do que seja antigo. Deu-se oportunidade através de uma universidade criativa, e que se tornou uma sólida instituição cultural do Sul da Bahia, para conhecer e apreciar, pesquisar e estudar, duas mil peças de aspectos com os seus significados, significantes e elementos da natureza histórico-social, os quais servem sobretudo para a compreensão mais abrangente da Região Cacaueira Baiana e da História do Brasil.

No entanto, depois de alguns anos de proveitosa atuação, a parceria foi dissolvida. E, passados tantos anos, o Museu Casa Verde continua desativado, causando prejuízos de natureza histórico-cultural à comunidade e ao Sul da Bahia, o que é lastimável.

O livro compõe-se de duas partes. No primeiro momento, inspiro-me na Casa Verde, tentando recuperar a alma de um tempo perdido. O segundo momento é formado pelos poemas “Canto a Nossa Senhora das Matas”, “Um Poema Todo Verde”, “Morcego”, “Boi”, “Galos”, “A Roda do Tempo”, “A Árvore e a Poesia”, “Passarinhos” e “Devastação” (I,II). De linhagem telúrica são poemas que se inserem, também, nas questões ecológicas dos tempos atuais.

Ressalto que *A Casa Verde e Outros Poemas* traz a tradução primorosa para o inglês realizada pelo poeta, ensaísta e Professor Emérito Doutor Luiz Angélico. Homem erudito, simples e fraterno, de uma atuação admirável como professor de inglês no curso de Letras da Universidade Federal da Bahia, tradutor renomado, sua tradução para a língua inglesa de *A Casa Verde e Outros Poemas* é possivelmente um de seus últimos trabalhos no setor, antes de nos deixar para outra dimensão. Ao lhe dedicar o livro não só celebro a amizade e o apreço que tinha por ele como presto

homenagem a quem tanto se dedicou ao ensino do inglês na UFBA e à arte da tradução, desvendando com competência seus limites e modos para que muitos possam conhecer a linguagem de outros povos, com sua alma, seus costumes, seu cotidiano, suas dores e sonhos.

- Conferência proferida no lançamento de A Casa Verde e Outros Poemas, na Academia de Letras da Bahia, em Salvador, em 24 de outubro de 2017.